

## Diferentes sistemas de cotação no asct são mais-valia ou fragilidade metodológica?

Different systems for coding asct: methodological fragility or advantage?

JOANA MAIA, MANUELA VERÍSSIMO<sup>1</sup>

### RESUMO

Referência no estudo das representações de vinculação durante o período pré-escolar, o Attachment Story Completion Task (ASCT, Bretherton & Ridgeway, 1990), consiste numa metodologia semi-projectiva de completamento de histórias realizável a partir dos 3 anos. Um aspecto controverso da sua utilização, contudo, prende-se com o facto de o instrumento não obrigar ao uso exclusivo de um único método de análise, condição que tem limitado a realização de investigações comparativas e de meta-análises. Este estudo procura explorar pontos de convergência e de divergência entre dois sistemas de cotação distintos. O ASCT e a WPPSI-R (Wechsler, 1989) foram aplicados a 73 crianças (M = 64; DP = 8.75), tendo as narrativas sido analisadas, de forma independente, por duas equipas de investigadores, uma delas treinada no Sistema de cotação e classificação de Dusseldorf (ver Gloger-Tippelt, Gomille, Koenig, & Vetter, 2002) e a outra na Escala de Segurança (Heller, 2000; Maia, Veríssimo, Ferreira, Silva, Fernandes, 2009). As pontuações de segurança estimadas pelos dois sistemas não evidenciaram associações significativas com o Q.I. Verbal, nem com a idade dos participantes, nem ainda com nenhuma das outras variáveis sócio-demográficas consideradas. Apenas a Escala de Segurança pôs em evidência

---

<sup>1</sup> Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva do Desenvolvimento e da Educação  
ISPA - Instituto Universitário. Contactos: [mveriss@ispa.pt](mailto:mveriss@ispa.pt), UIPCDE, ISPA-IU, Rua Jardim do Tabaco, 34, 1149 - 041 Lisboa.

um efeito de gênero, com o desempenho global das raparigas na tarefa a receber valores significativamente mais elevados. Como hipotetizado, verificámos que crianças identificadas, pelo Sistema Dusseldorf, como tendo representações de vinculação seguras diferiram significativamente das crianças identificadas, pelo mesmo sistema, como tendo representações inseguras (quer ambivalentes quer evitantes), em termos da qualidade global das suas respostas, analisada através da Escala de Segurança. Todavia, a análise da associação das pontuações inter-sistemas, pôs em evidência que estas se encontram apenas moderadamente correlacionadas. Com base na análise de dois excertos de entrevistas, é discutida a possibilidade de as duas abordagens se debaterem com dimensões representacionais e comportamentais distintas.

**Palavras-chave:** Representações de vinculação, Metodologias narrativas, Avaliação categorial e contínua da segurança da vinculação.

## ABSTRACT

The Attachment Story Completion Task (Bretherton & Ridgeway, 1990) is a key methodology in the study of attachment representations during the pre-school years, and it consists of a semi-projective narrative task that can be applied to children as young as 3 years old. However, a controversial question regarding its application arises from the fact that this instrument does not use a unique coding system, a feature that constrains comparative and meta-analytic research. This study attempts to explore points of convergence and divergence between two distinctive methods of analysis. The ASCT and the WPPSI-R (Wechsler, 1989) were applied to 73 pre-schoolers ( $M = 64$ ,  $DP = 8.75$ ). ASCT videos were coded independently by two different teams of researchers, one trained in the Dusseldorf Coding and Classification System (see Gloger-Tippelt, Gomille, Koenig, & Vetter, 2002), and the other in the Security Scale (Heller, 2000; Maia, et al 2009). Scores estimated with the two systems did not show any significant associations with children's verbal I.Q. or age, neither with the socio-demographic variables analyzed. Gender differences were found, only when using the Security Scale coding system. Girls received, in average, significantly higher scores. As expected, children who were identified, by the Dusseldorf System, as having secure attachment representations, received significantly higher scores in terms of their global performance in the task. No significant differences in this variable were found between children in the insecure (avoidant and ambivalent) catego-

ries. However, a correlation analysis between the two systems showed that their security scores were just moderately associated. Looking at two narratives of the children's interviews it is discussed the possibility that these systems may focus distinct representational and behavioral dimensions.

**Key-words:** Attachment Representations; Narrative Methodologies, Dimensional and categorical models

## INTRODUÇÃO

Combinando a play therapy e a tradição dos métodos projectivos com uma abordagem psicométrica, o Attachment Story Completion Task (Bretherton & Ridgeway, 1990) consiste numa entrevista de cerca de 30 minutos, realizável a partir dos três anos, durante a qual, com a ajuda de uma família de bonecos moldáveis, são apresentados cinco inícios de histórias que remetem para cenários do âmbito familiar relacionados com a vinculação. É, então, pedido à criança que complete cada história livremente, tendo o instrumento como pressuposto que, a partir do padrão de respostas dadas, será possível inferir sobre a qualidade das representações de vinculação emergentes (ver Bowlby, 1969/1982; 1973).

Embora uma questão central em torno deste tipo de instrumentos continue a ser o que é que estes efectivamente medem (ver Bretherton, 1990; 1995; 2005 e Oppenheim & Waters,

1995) o ASCT tem apresentado boas taxas de concordância com medidas que avaliam a segurança do comportamento de vinculação da criança à mãe durante a primeira infância (e.g., Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990; Gloger-Tippelt, Gomille, Koenig, & Vetter, 2002; Silva, Fernandes, Veríssimo, Shin, Vaughn, & Bost, 2008; Wong, Bost, Shin, Veríssimo, Maia, Monteiro, Silva, Coppola, Costantini, & Vaughn, 2011), sendo uma das metodologias narrativas mais utilizadas durante o período pré-escolar e durante a transição para a escolaridade.

Contudo, a literatura tem alertado para o facto de serem necessários mais esforços empíricos para confirmar a validade convergente e discriminante do ASCT aspecto que tem sido dificultado pelo facto de este instrumento não obrigar à utilização de um sistema de análise único, existindo a possibilidade de ajustar a escolha das histórias e o processo de cotação aos objectivos específicos de cada investigação em curso (ver Bretherton & Oppenheim, 2003).

#### DIVERSIDADE DE SISTEMAS DE COTAÇÃO NO ASCT

Aquando da publicação do instrumento, tendo por base as tipologias de resposta dadas por crianças mais velhas ao Separation Anxiety Test previamente descritas por Nancy Kaplan (ver Main, Kaplan, & Cassidy, 1985), - Bretherton & Ridgeway (1990) começaram por incluir critérios de segurança/insegurança relativos ao conteúdo específico e à estrutura de cada história, baseando-se na predominância das respostas dadas ao longo da tarefa para a atribuição de valores de segurança e para a atribuição de uma categoria geral. Esperavam, deste modo, conseguir identificar um paralelismo entre o tipo de interacções familiares encenadas e os dados empíricos provenientes da Situação Estranha (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978) relativos aos distintos padrões comportamentais exibidos por crianças mais novas durante a separação-reunião à figura materna. Em conformidade com este objectivo, as autoras optaram por atribuir maior peso às histórias da Partida e do Reencontro (cujos conteúdos pretendem avaliar precisamente ansiedade de separação, capacidade de coping com um cuidador substituto e tonalidade emocional do reencontro familiar) nos casos em que, após a análise do conjunto das narrativas, a atribuição de uma categoria A-B-C-D se mostrava particularmente difícil.

Desde então outras abordagens, que

não de tipo categorial, têm vindo a ser propostas, nomeadamente análises temáticas do conteúdo das histórias (e.g., Page & Bretherton, 2001) e sistemas de cotação de tipo contínuo (e.g., Waters, Rodrigues, & Ridgeway, 1998). Com o objectivo de maximizar as vantagens e minimizar as desvantagens inerentes às diferentes abordagens, vários investigadores têm recorrido com maior frequência a abordagens mistas, que geralmente combinam categorização e atribuição de pontuações de Segurança (e.g., Gloger-Tippelt et al., 2002), ou categorização e análise temática (e.g., Poehlmann, 2005).

Embora não seja objectivo do presente artigo fazer uma descrição exaustiva de todos os sistemas de análise existentes, de seguida iremos detornos, brevemente, nos aspectos mais importantes que caracterizam cada tipo de abordagem.

#### ABORDAGENS CATEGORIAIS

Não obstante a diversidade de nomenclaturas que têm sido propostas, há afinidades entre os vários sistemas que obedecem a uma lógica categorial relativamente à natureza dos indicadores que deverão remeter para classificações seguras e, nas suas distintas modalidades, inseguras (ver Solomon & George, 2008). De um modo geral, indicadores de segurança ao nível das representações de vinculação podem ser encontrados em narrativas que des-

crevem cuidadores competentes e responsáveis, capazes de proteger os filhos e de os ajudarem a resolver os problemas inerentes a cada história. Com as necessidades de protecção e de intimidade relacional a serem geralmente omitidas do discurso, as narrativas que sugerem representações de vinculação evitantes tomam a forma de guiões convencionais, estereotipados, relatando interacções maioritariamente pacíficas, se bem que sucintas e marcadamente superficiais (e.g., “Os pais e os filhos jantaram, viram televisão e foram para a cama”). Indicadores de representações ambivalentes distinguem-se pela prevalência de emoções negativas (e.g., personagens expressam raiva ou ódio) e pela percepção de altos níveis de vulnerabilidade interpessoal, com as respostas das figuras cuidadoras a serem frequentemente inconsistentes ou inadequadas. Possivelmente muito extensas, as narrativas tendem a ser pouco lógicas e atravessadas por numerosos elementos irrelevantes, sem que sejam encontradas soluções claras e apropriadas para os problemas apresentados. Finalmente, representações de vinculação desorganizadas podem ser inferidas a partir de narrativas caóticas e bizarras, que incluem acções violentas (e.g., acidentes, doença e/ou morte de personagens), com finais que deixam por resolver eventos acentuadamente negativos e, muitas vezes, mesmo catastróficos.

Diversos autores (ver Page & Bretherton, 2001) têm defendido que as abordagens categoriais apresentam como principal vantagem o facto de assentarem na identificação de um nível superior de análise de padrões mais gerais de comportamento e de organização das representações de vinculação. No entanto, uma questão relevante a este respeito prende-se com a própria assunção de que a lógica categorial, importada da Situação Estranha, representa uma efectiva taxonomia empírica (ver Fraley & Spieker, 2003a; 2003b; Cummings, 2003; Sroufe, 2003; Waters & Beauchaine, 2003; Domínguez, Aragón, Lagunes, 2009), legitimamente generalizável para o nível representacional durante a idade pré-escolar, período desenvolvimental em que se espera que aspectos decorrentes da maturação sócio-cognitiva e as crescentes capacidades de socialização e de regulação-emocional das crianças, contribuam de forma acentuada para o enriquecimento e complexificação das representações de vinculação emergentes (ver Marvin & Britner, 2008).

Neste contexto, Oppenheim (1997) alerta também para o facto de que a investigação neste âmbito não deixou ainda inequivocamente claro que aspectos das narrativas (i.e., coerência, qualidade das resoluções, descrições do comportamento parental, conteúdos de ordem emocional, entre outros) constituem indicadores preferenciais da segu-

rança da vinculação pelo que poderá ser prematuro optar exclusivamente por avaliações categoriais. Assim, particularmente quando as respostas dadas às várias narrativas não sugerem um perfil homogéneo de estratégias de resolução de problemas, que seja susceptível de ser facilmente associado a um padrão de vinculação específico, têm sido apontadas como maiores desvantagens uma maior subjectividade na atribuição da classificação global, a par com a potencial sobreposição de categorias, especialmente no que diz respeito à distinção dos vários tipos de insegurança. Com efeito, a generalidade dos estudos tem falhado na identificação de correlatos desenvolvimentais associados às classificações evitantes, ambivalentes e desorganizadas acabando geralmente por incluí-las numa única categoria geral de insegurança (e.g., Bretherton et al., 1990; Gloger-Tippelt et al., 2002). Se Oppenheim (1997) acrescenta que tal pode dever-se ao facto de os estudos não incluírem amostras suficientemente grandes para que as diferenças intra-grupos no domínio da insegurança sejam susceptíveis de serem estatisticamente detectadas, já Solomon, George (2008) chamam a atenção para o facto de os sistemas de cotação categoriais estarem excessivamente focados em conteúdos mais superficiais das narrativas, negligenciando o que poderão ser manifestações defensivas típicas de cada idade.

#### ANÁLISE TEMÁTICA

Aplicada de forma cada vez mais sistemática, a análise temática debruça-se sobre a frequência com que determinados conteúdos aparecem no discurso da narrativa. De entre os temas recorrentemente analisados, quer no ASCT, quer em instrumentos similares, destacam-se a socialização, a qualidade da interacção entre mãe e pai, a qualidade da interacção entre irmãos, os cuidados dirigidos à criança, a capacidade dos pais para funcionarem como guias cognitivos, a autoridade, o controlo parental, a disciplina, a punição, o comportamento empático da criança dirigido aos pais, a referência a separações ligeiras e extremas, a positividade das representações do self, a procura de conforto, a agressão (e.g., Page & Bretherton, 2001; 2003a; Trapolini et al., 2007).

Tem sido defendido que a maior vantagem da análise temática prende-se com o facto de permitir a identificação, no decorrer do discurso das crianças, de exemplos concretos que reflectem padrões específicos de comportamento. Sendo possível, por exemplo, diferenciar representações de vinculação relativas ao pai e à mãe, espera-se que tal permita detectar de modo mais preciso pequenas diferenças intra-individuais e inter-grupos (e.g., rapazes versus raparigas; crianças sujeitas a violência intra-familiar versus crianças sujeitas a negligência parental). Uma vantagem

adicional é o facto de comportar um tipo de cotação que, pela sua natureza mais objectiva, possibilita geralmente alcançar um melhor acordo inter-avaliadores.

No entanto, uma séria desvantagem desta abordagem prende-se com a frequência de certos temas carecer da contextualização necessária para inferir o seu real valor (ver Poehlmann, 2005). Neste sentido, entre outros exemplos, tem sido referido que a inclusão de conteúdos positivos pode não reflectir necessariamente segurança ao nível das representações de vinculação, podendo esta inclusão funcionar como um mecanismo de coping que ajuda as crianças a lidar com a ansiedade suscitada pela tarefa. Em continuidade com esta ideia, alguns estudos têm vindo a reportar que a presença per se de conteúdos positivos, de natureza pró-social ou respostas empáticas dirigidas aos pais, poderá constituir, essencialmente, uma tentativa para excluir defensivamente conteúdos com carácter ansiógeno com que as crianças possam ter dificuldades em lidar a um nível consciente (ver Page & Bretherton, 2003a; 2003b). Alargando esta ideia, um dos poucos estudos exploratórios que procurou relacionar a coerência e a qualidade emocional das narrativas produzidas com aspectos do próprio processo narrativo mostrou que a simples presença de emoções positivas na trama da história não está directamente

associada com a coerência narrativa e com a qualidade de resolução do problema da história (Ferreira, Maia, Pinto, Santos, & Fernandes, 2010).

#### ABORDAGENS CONTÍNUAS

Procurando contornar alguns dos inconvenientes das abordagens categoriais e de análise de temas, na sua essência uma abordagem contínua de cotação privilegia uma leitura contínua dos fenómenos psíquicos e, concretamente, da segurança de vinculação, percebida, no plano mental, como podendo oscilar entre dois extremos de um contínuo (ver Cummings, 2003; Fraley & Spieker, 2003a; 2003b; Oppenheim, 1997; Sroufe, 2003; Waters & Beauchaine, 2003).

De um modo geral, os proponentes de uma abordagem contínua defendem-na como teoricamente legítima uma vez que, apesar de nos seus escritos, Bowlby ter traçado uma distinção entre modelos internos dinâmicos construídos no contexto de relações de vinculação seguras e inseguras, fê-lo com o propósito fundamentalmente didáctico de apresentar ideias até então completamente novas, tendo sempre recusado uma visão dicotómica das duas descrições: “between the groups of people with extremes of either good or bad experiences lie groups of people with an almost infinite range of intermediate sorts of experience” (Bowlby, 1973, p.242).

Apoiando-se na tese de que, também no domínio da representação mental e durante este período etário, a segurança da vinculação deverá necessariamente ser conceptualizada em termos de um padrão organizado e coerente do comportamento, da cognição e do afecto, e não enquanto simples somatório de “conteúdos verbais” específicos e discretos (ver Sroufe & Waters, 1977), alguns investigadores têm vindo a desenvolver sistemas de cotação baseados na atribuição de valores contínuos das narrativas produzidas pelos sujeitos, seja ao nível de uma avaliação mais global do desempenho, ao nível verbal e não verbal (e.g., Heller, 2000; Oppenheim, 1997).

Neste contexto, é de referir a proposta, avançada por Waters et al., (1998) de cotação da cada narrativa ASCT em função da sua proximidade ao Script de Base Segura (ver Waters & Waters, 2006), partindo da extensão, sequência e coesão com que nesta aparecem os seguintes elementos: interacção construtiva entre os membros da díade de vinculação ou livre exploração da criança protagonista; obstáculo à continuação da interacção ou da livre exploração; emissão, por parte da criança, de um sinal de que necessita de ajuda. Com efeito, aplicada aos dados do estudo original de Bretherton et al. (1990) esta proposta mostrou-se extremamente pertinente, tendo exibido melhor validade discriminante face

medidas de vocabulário e do desenvolvimento geral.

Mais recentemente, Miljkovitch, Pierrehumbert, Karmaniola e Halfon (2003) propuseram o C.C.H., uma metodologia de tipo Q-sort que, mais do que comportamentos discretos, privilegia a organização do comportamento em diferentes áreas funcionais (ver Waters & Deane, 1985). Neste caso o avaliador tem que ordenar 65 itens de acordo com o grau em que melhor descrevem o tipo de narrativas produzidas e a qualidade geral do desempenho da criança no ASCT. O Q-sort é preenchido através da atribuição de itens a categorias, utilizando uma distribuição fixa, ou seja, os 65 itens do instrumento são distribuídos pelo observador numa escala de sete níveis que variam do “extremamente característico” até ao “extremamente incaracterístico”. Esta distribuição deve ser realizada tendo em consideração a saliência e relevância dos aspectos descritos em cada item para o desempenho geral da criança durante a aplicação do ASCT e para a natureza das narrativas produzidas. Os itens que não são nem característicos, nem incaracterísticos e/ou os itens que não foram observados são colocados no centro da distribuição. Posteriormente, são determinadas as distâncias, através de correlações de Pearson, entre a pontuação de cada item derivada do seu lugar na distribuição efectuada e a pontuação que obteria na descrição



“ideal” de outros protótipos de ordenação correspondentes a diferentes estratégias de vinculação, nomeadamente, segurança, desactivação (i.e., minimização das emoções e dos sinais de vinculação), hiperactivação (i.e., amplificação de emoções ligadas à vinculação) e desorganização. Assim, obtêm-se os índices de aproximação da criança observada a esses protótipos, ou seja quatro Q-scores, o que significa que, ao invés de ser inserida apenas numa categoria estanque, a performance de cada criança é enquadrada, de forma contínua, nestes quatro eixos. Para além dos protótipos enunciados, são ainda tidas em atenção características do brincar e das representações específicas, avaliadas em diferentes escalas, com especial destaque a ser dado às dimensões mentalização (i.e., competência para representar emoções), resolução (i.e., qualidade da produção em termos de coerência e da construção da narrativa) e parentalidade (i.e., conteúdos da narrativa que descrevem comportamentos parentais).

Uma clara vantagem desta metodologia prende-se com a possibilidade de permitir traçar um quadro bastante completo do funcionamento da criança, permitindo a identificação do que pode ser a sua estratégia de vinculação predominante e do que podem ser outras estratégias secundariamente utilizadas. Outra mais-valia passa pela análise integrada de aspectos relacionados com

o conteúdo das narrativas, com a competência da criança para processar e integrar informação relacionada com a vinculação e com as características mais gerais do desempenho da criança ao longo da tarefa (e.g., grau de vontade manifestado na relação com o entrevistador).

No entanto, uma vez que os itens são distribuídos sempre com base no conjunto das respostas, uma das maiores desvantagens do C.C.H. prende-se com a impossibilidade de serem diferenciados elementos da cotação história a história, situação especialmente problemática quando o objectivo da investigação é uma análise detalhada das várias dimensões relacionadas com a vinculação pais-filhos evocadas em cada história, ou quando as crianças apresentam um perfil de respostas claramente desarmónico.

#### MAIS-VALIA OU FRAGILIDADE METODOLÓGICA?

Perante a multiplicidade de sistemas de cotação propostos, até à data, pensamos que uma questão a ser explorada prende-se com o facto de esta diversidade poder constituir simultaneamente uma mais-valia do instrumento e uma fragilidade metodológica que exige prudência. Curiosamente, a ideia de mais-valia tem vindo a ser reforçada pelas próprias autoras do ASCT, que sustentam que a utilidade deste tipo de instrumentos não passa pela adesão rí-

gida a regras de cotação considerando que a emergência de contributos, de autores com sensibilidades distintas, tem enriquecido e potenciado o ASCT. Defendem, contudo, ser crucial que se mantenha o “espírito teórico” subjacente à criação de metodologias deste tipo, tanto ao nível da construção das histórias e das condições de aplicação, como ao nível do racional subjacente à cotação e natureza dos correlatos avaliados. Com efeito, como lembram Bretherton e Oppenheim (2003), com todos os sistemas de cotação propostos até ao momento têm sido encontrados resultados relevantes, motivo pelo qual sugerem que a escolha do método de avaliação, e a selecção das histórias a utilizar, sejam guiadas pelos objectivos concretos do estudo a desenvolver, tendo em atenção a faixa etária focada e o tamanho da amostra. Todavia, pensamos que será importante reconhecer também que esta flexibilidade, sobretudo enquanto não for devidamente demonstrado que diferentes sistemas avaliam as mesmas dimensões representacionais, dificulta em larga escala a realização de estudos comparativos, bem como de meta-análises, o que a longo prazo poderá comprometer a aceitação do ASCT enquanto instrumento de efectiva utilidade, tanto clínica, como empírica.

Por outro lado, consideramos que outro requisito, à partida, determinante para a elaboração de instrumentos

deste tipo prende-se com a necessidade de uma perspectiva crítica sobre a relevância específica das histórias utilizadas quando o objectivo é inferir sobre a qualidade e a organização das representações de vinculação. Parece-nos que nem sempre devida atenção é conferida a este aspecto, caindo, como acusa Oppenheim (1997), algumas das selecções de histórias neste tipo de metodologias, na tentação de misturar uma grande variedade de assuntos relacionados com as interacções pais-filhos (e.g., Cassidy, 1988). No caso específico do ASCT, supomos que tanto as instruções das histórias Joelho Magoado e Monstro no Quarto evocam claramente a activação do comportamento de vinculação, remetendo, por sua vez, as instruções das histórias Partida e Reencontro para cenários de separação-reunião aos cuidadores, aspectos amplamente reconhecidos como salientes no âmbito da Teoria da Vinculação. Questionamos, todavia, o foco da instrução da história Sumo Entornado, que pensamos debater-se antes com conteúdos essencialmente ligados ao exercício da autoridade e disciplina parentais. Parece-nos que a inclusão de instruções deste tipo, focalizadas em aspectos do relacionamento pais-filhos, seguramente importantes, mas não necessariamente ligados à esfera da vinculação, deve ser futuramente contestada, na medida em que poderá ajudar a fomentar uma visão generalista, excessivamente abrangente, do foco

destes instrumentos e, em consequência, do constructo vinculação (ver Thompson, 2008).

## OBJECTIVOS

Esperando poder contribuir para uma melhor compreensão da utilização do ASCT na população portuguesa, através da análise das narrativas produzidas por crianças em idade pré-escolar, este estudo procura comparar duas metodologias de cotação provenientes de abordagens distintas. O mesmo conjunto de entrevistas ASCT foi analisado, de forma independente, por duas equipas de investigadores, uma delas previamente treinada no Sistema de cotação e classificação de Dusseldorf (ver Gloger-Tippelt et al. 2002) e a outra na Escala de Segurança (Heller, 2000; Maia, Veríssimo, Ferreira, Silva, Fernandes, 2009).

Hipotetizámos que sujeitos identificados pelo Sistema Dusseldorf como tendo representações seguras iriam, por comparação com os sujeitos identificados como tendo representações inseguras de tipo evitante, ambivalente ou sem estratégia/desorganizadas pelo mesmo método, apresentar valores significativamente mais elevados quando as suas respostas (verbais e não verbais) são analisadas mediante a Escala de Segurança, mesmo depois de controladas possíveis diferenças inter-individuais em termos de competência

linguística e de idade.

Finalmente, tendo em conta que alguns estudos, empregando diferentes metodologias de análise, têm vindo a reportar diferenças entre as respostas dadas por rapazes e raparigas ao ASCT, interessou-nos também perceber se os dois sistemas em causa poderiam apresentar uma susceptibilidade diferencial à variável género.

## MÉTODO

### Participantes

Participaram neste estudo 73 crianças, 40 do sexo masculino e 33 do sexo feminino, oriundas de instituições de ensino pré-escolar do Distrito de Lisboa. No momento da avaliação, as crianças tinham idades compreendidas entre os 41 e os 78 meses ( $M = 64.33$ ;  $DP = 8.75$ ). A idade das mães variava entre os 27 e os 45 anos ( $M = 36.06$ ;  $DP = 3.81$ ) e a dos pais entre os 33 e os 51 anos ( $M = 38.41$ ;  $DP = 4.59$ ). As famílias pertencem a um nível socioeconómico médio, ou médio-alto, variando a escolaridade da mãe entre os 9 e os 18 anos ( $M = 15.11$ ;  $DP = 2.53$ ) e a do pai entre os 4 e os 17 anos ( $M = 14.46$ ;  $DP = 3.71$ ). Tendo sido recrutados para o estudo através dos Jardins-de-Infância que frequentam, os participantes integram um projecto longitudinal que visa analisar o desenvolvimento sócio-emocional infantil durante o período pré-escolar

## Instrumentos

ATTACHMENT STORY COMPLETION  
TASK (ASCT - BREThERTON &  
RIDGEWAY, 1990)

Cada uma das instruções das histórias do ASCT foi construída de modo a evocar uma problemática distinta: figura de vinculação em situação de auto-riedade face a um percalço acidental da criança (Sumo Entornado); activação do sistema de vinculação e resposta parental à dor (Joelho Magoado) e ao medo (Monstro no Quarto) da criança; ansiedade de separação e capacidade de coping com um cuidador substituto (Partida) e tonalidade afectiva da reunião familiar (Reencontro). Uma instrução adicional neutra (Bolo de Aniversário) é administrada inicialmente, para assegurar que a criança compreende o procedimento, mas não é cotada.

Wechsler Preschool and Primary Scale of Intelligence (WPPSI-R – Wechsler, 1989)

De forma a controlar potenciais efeitos ao nível das narrativas decorrentes de diferenças ao nível da capacidade lexical e da compreensão verbal foram aplicados os sub-testes verbais da versão revista da WPPSI, aferida para a população portuguesa por Seabra-Santos et al. (2003).

## Procedimento

Ambos os instrumentos foram apli-

cados de forma individual, em ocasiões distintas, por membros independentes, previamente treinados, da equipa de investigação. As aplicações tiveram lugar no Jardim-de-Infância, tendo decorrido numa sala disponibilizada para o efeito, estando o entrevistador e a criança sentados, em situação de face a face.

As instruções do ASCT são enunciadas de forma dramatizada, finalizando com uma solicitação dirigida à criança: “Mostra-me e conta-me o que acontece agora” (para uma descrição completa do procedimento de aplicação consultar Maia et al., 2009). As entrevistas foram gravadas em vídeo, tendo a maioria das crianças realizado a tarefa em 15-20 minutos. Os vídeos das entrevistas foram posteriormente analisados de forma independente, por duas díades de investigadores, previamente treinados, e não familiarizados com qualquer informação referente às crianças.

## COTAÇÃO COM A ESCALA DE SEGURANÇA

A escala de Segurança foi inspirada no trabalho levado a cabo por Heller (2000) de análise de um sub-conjunto de narrativas da MacArthur Story Stem Battery, algumas das quais as mesmas que compõe o ASCT (ver Bretherton & Oppenheim, 2003). Maia et al. (2009) traduziram para português e ampliaram a versão original desta escala, tendo incluído indicações específicas relativas

à resolução da história para cada uma das 5 histórias ASCT, adaptação que até ao momento tem mostrado bons resultados (e.g., Silva et al., 2008).

Os valores de Segurança são atribuídos ao longo de uma escala de oito pontos, em função da complexidade da resolução dada ao problema levantado em cada início de história e da coerência da narrativa produzida. No entanto, assumindo este sistema como pressuposto que o modo como os conteúdos são narrados é tão importante como a natureza destes conteúdos em si mesmos, são igualmente tidos em conta parâmetros associados ao processo narrativo, nomeadamente, conhecimento emocional revelado, emoção geral expressa, comportamento não verbal, fluência do discurso, grau de investimento na tarefa e qualidade da interacção com o entrevistador.

No extremo inferior da escala (< três), encontramos narrativas incompreensíveis e bizarras, com sequências de acontecimentos violentos e dispersos, ou com evitamentos massivos dos conteúdos ligados à vinculação. Os problemas apresentados não são resolvidos ou têm uma resolução, que pode ou não ser positiva, à qual se segue uma inversão negativa, revés emocional ou acontecimento bizarro. O comportamento não verbal caracteriza-se pela agitação e pela manifestação de emoções intensas, geralmente inapropriadas ou, de forma oposta, por uma

acentuada inexpressividade emocional. A representação das figuras parentais tende a ser negativa e o discurso caracteriza-se pela ausência de fluência. Os sujeitos podem apresentar um comportamento de retirada na interacção com o entrevistador ou, inversamente, tentar controlar o processo de aplicação do instrumento.

Os valores médios dizem respeito a histórias relativamente coerentes, em que o conflito da história é tido em conta, sendo o sujeito capaz de fornecer uma resolução mínima, ou seja, pelo menos de ordem funcional para o problema em causa, embora a narrativa possa ser atravessada por alguns elementos de incoerência. As histórias tendem a ser muito curtas e há necessidade de repetidos incitamentos, podendo existir desvios ou contradições moderadas. As emoções tendem a ser expressas de forma comedida e é mostrado algum conhecimento emocional. O investimento na tarefa e a fluência verbal são medianos, podendo ser evidenciada relutância na interacção com o entrevistador.

Os valores mais altos (> cinco) descrevem histórias coerentes, em que o sujeito lida com o problema de forma construtiva e imaginativa. A resolução dada é positiva e completa, ou seja, acrescenta uma compreensão relacional e emocional da situação, registando-se, no final da história, ao nível da interacção familiar um retorno à normalidade. In-

tegrando as histórias simultaneamente aspectos positivos e negativos, as finalizações tendem a incluir um retorno da interacção familiar à normalidade e à harmonia. As crianças evidenciam conhecimento emocional e investem na tarefa com facilidade e espontaneidade, manifestando um leque variado, maioritariamente apropriado, de afectos.

Após treino prévio dos investigadores todas as narrativas foram analisadas, de forma independente, por dois elementos da equipa de investigação. Para as 365 narrativas consideradas (cinco histórias,  $n = 73$ ), os valores de correlação entre os dois investigadores (calculado como correlações intra classes) variaram entre .72 e .99, com 91% dos valores com um ponto de diferença. Quando considerado em termos exactos de acerto/não acerto, o acordo entre os investigadores oscilou entre .56 e .74 (Kappa). Para cada história, o valor final foi obtido através da média das pontuações dadas pelos dois investigadores.

#### COTAÇÃO COM O SISTEMA DE COTAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE DUSSELDORF

Inicialmente proposto pela equipa alemã de Gabriele Gloger-Tippelt este sistema tem tido crescente utilização, combinando simultaneamente uma abordagem dimensional e uma abordagem de tipo categorial. Para cada história, foram definidos indicadores

necessários, possíveis e eliminatórios nos quais, atendendo ainda a critérios transversais a todas as histórias, o investigador se baseia para enquadrar cada história em cinco níveis (0-4) de Segurança.

Num segundo momento é solicitado ao investigador que, auxiliado pelas notas diagnósticas registadas durante o processo de cotação relativas a factores associados à desempenho (i.e., histórias que se destacam; qualidade da progressão da entrevista), faça uso de um “complex, clinical judgement” (Gloger-Tippelt et al., 2002) para a atribuição de uma pontuação final global, naturalmente próxima da média aritmética das cinco histórias, mas não obrigatoriamente igual a esta.

Finalmente, numa terceira etapa, deverá ser identificada a estratégia de vinculação predominante: segura, evitante, ambivalente, sem estratégia-desorganizada, devendo, para tal, o investigador responder a um conjunto de questões orientadoras com base no conjunto das narrativas produzidas (e.g., A criança discute o tema da vinculação? Se sim, inclui temas de perigo / ansiedade? É dada uma solução para o problema, as personagens encetam acções para o resolver? As personagens adultas são representadas como competentes e confiáveis? Há muitos elementos incoerentes, de violência ou de caos? Se os temas de vinculação não são discutidos, tal acontece porque

a criança parece ignorá-los de forma deliberada, apresentando alternativamente temas convencionais, neutros e superficiais, do dia-a-dia familiar, ou porque, face à tarefa, a criança parece bloquear por completo, dando respostas claramente fora do contexto?).

Todas as entrevistas foram analisadas por um investigador independente, que havia recebido treino no método de cotação de Dusseldorf. Aproximadamente 50% das entrevistas ( $n = 37$ ) foram também cotadas por outro investigador, previamente treinado neste método de cotação pelo primeiro. Para as 185 narrativas consideradas (cinco histórias,  $n = 37$ ) o acordo entre os dois investigadores, calculado como acerto/não acerto oscilou entre .62 e .90 (Kappa). Na pontuação global dada ao conjunto das cinco histórias, o acordo entre os investigadores foi de .85. Relativamente à identificação da estratégia de vinculação predominante

ao nível representacional, os dois investigadores deram uma classificação concordante em 32 dos 37 casos analisados por ambos (87% de concordância, kappa .82). De acordo com o que tem sido sugerido pela literatura, o valor final de segurança considerado, nos casos em que houve dupla cotação, foi dado pela média das pontuações dadas pelos dois investigadores. Relativamente às cinco crianças sobre os quais os dois investigadores não chegaram a acordo relativamente à estratégia de vinculação predominante, optou-se por não incluir estas entrevistas nas análises subsequentes.

## RESULTADOS

### ESCALA DE SEGURANÇA

A caracterização descritiva dos valores para cada uma das cinco histórias com base na Escala de Segurança é apresentada no quadro 1.

**Quadro 1. Valores mínimos, máximo, médio e desvio-padrão utilizando a Escala de Segurança, em cada história (n=73).**

HISTÓRIAS ASCT	MÍNIMO	MÁXIMO	M	DP
Sumo entornado	2	7.83	5.39	1.20
Joelho magoado	2	8	5.42	1.35
Monstro no quarto	2	8	5.57	1.26
Partida	2	8	5.36	1.24
Reencontro	2	8	5.55	1.45

Correlações de Pearson realizadas entre os valores obtidos por participante nas diferentes histórias indicaram que estes se encontram significativamente relacionados entre si ( $r$  variou entre .60 e .82,  $p < .001$ ), o que permitiu combinar os valores das cinco histórias num único valor de Segurança relativo à análise global das respostas dadas ao longo da tarefa ( $M = 5.46$ ;  $DP = 1.11$ ).

Corroborando a validade discriminativa da utilização deste sistema de cotação no ASCT, este valor de Segurança não evidenciou associação significativa com o Q.I. Verbal ( $r = .05$ ,  $p = .66$ ), nem com a idade das crianças ( $r = -.06$ ,  $p = .59$ ). Não foi ainda encontrada nenhuma associação significativa com as variáveis sócio-demográficas analisadas (i.e., idade e habilitações literárias dos pais, idade de entrada no Jardim-de-Infância, número de horas que a criança passa habitualmente neste por dia).

Analisando o valor de Segurança em função do género, através de um teste t-student depois de validados os pressupostos da homodestaticidade com o teste de Levene ( $F(1,71) = .24$ ,  $p = .79$ ). A normalidade das distribuições foi verificada para o grupo dos rapazes ( $SW(40) = .96$ ,  $p = .18$ ) mas não para o grupo das raparigas ( $SWp(33) < .01$ ). No entanto, os valores de assimetria e de achatamento para o grupo das raparigas ( $SK = -1.25$ ,  $Ku = 1.61$ )

não revelaram problemas de assimetria graves que justificassem a utilização de medidas correctivas para a violação do pressuposto da normalidade. As raparigas obtiveram valores de segurança, em média, mais altos ( $M = 5.80$ ;  $DP = 1.11$ ,  $n = 33$ ) no ASCT do que os rapazes ( $M = 5.17$ ;  $DP = 1.04$ ,  $n = 40$ ), sendo as diferenças estatisticamente significativas ( $(t(71) = 2.50$ ;  $p(\text{unilateral}) < .01$ , IC 95% ]1.13; 1.13[ ). Não foi registada nenhuma diferença significativa entre os dois grupos em termos de idade ( $t(71) = .27$ ;  $p = .79$ ), nem de Q.I. verbal ( $t(71) = -.67$ ;  $p = .51$ ).

Sistema de Cotação e Classificação de Dusseldorf:

A caracterização descritiva dos valores de segurança encontrados para cada história, utilizando o Sistema de Cotação e Classificação de Dusseldorf, é apresentada no Quadro 2.

Correlações de Pearson realizadas entre os valores obtidos por cada sujeito nas diferentes histórias mostraram que estes se encontram relacionados entre si de forma estatisticamente significativa ( $r$  variou entre .19 e .54,  $p < .05$ ). A partir do cálculo da média dos valores de segurança obtidos pelos sujeitos em cada uma das cinco histórias, foi estimada uma nova variável de Segurança relativa ao conjunto das narrativas produzidas ( $M = 2.55$ ;  $DP = .74$ ).

Esta variável não evidenciou associação significativa com o Q.I. Verbal ( $r = .13$ ,  $p = .26$ ) nem com a idade das



**Quadro 2. Valores mínimos, máximo, médio e desvio-padrão utilizando o Sistema de Cotação e Classificação de Dusseldorf, em cada história (n=73).**

HISTÓRIAS ASCT	MIN	MAX	M	DP
Sumo entornado	1	4	2.40	1.10
Joelho magoado	0	4	2.66	1.25
Monstro no quarto	1	4	2.57	0.97
Partida	1	4	2.72	1.03
Reencontro	0	4	2.44	0.98

crianças ( $r = -.07$ ;  $p = .54$ ), não tendo também sido verificada nenhuma associação significativa com as, já referidas, variáveis demográficas.

O efeito do género na Segurança foi analisado com um teste t-student depois de validado o pressuposto da homocedasticidade com o teste de Levene ( $F(1,71) = .73$ ;  $p = .12$ ) e da normalidade das distribuições ter sido verificada para o grupo dos rapazes ( $SW(40) = .97$ ,  $p = .31$ ) e das raparigas ( $SW(33) = .97$ ;  $p = .45$ ). Comparando os valores médios apresentados pelas raparigas ( $M = 2.63$ ;  $DP = .77$ ,  $n = 33$ ) e pelos rapazes ( $M = 2.49$ ;  $DP = .71$ ,  $n = 40$ ) no ASCT, verificou-se que não existem diferenças significativas entre estes ( $(t(71) = .81$ ,  $p(\text{unilateral}) = .21$ ,  $IC\ 95\% ]-.21; .49[$ ). É de notar que este resultado vai ao encontro do reportado por Glogger-Tippelt e Koenig (2007) relativamente à amostra de crianças oriundas de famílias bi-parentais incluídas no seu estudo.

No que respeita à estratégia de identificação predominante, identificada a partir do padrão de respostas dado, as percentagens de distribuição verificadas podem ser encontradas no Quadro 3.

**Quadro 3. Percentagens das estratégias de vinculação predominantes identificadas utilizando o Sistema de Cotação e Classificação de Dusseldorf (n=68).**

ESTRATÉGIA	PERCENTAGEM
Insegura Ambivalente	25.00
Insegura Evitante	27.94
Seguras	47.06

Depois de verificados os pressupostos da homocedasticidade com o Teste de Levene ( $W(2,65) = .67$ ;  $p = .52$ ) e da normalidade das distribuições nos 3 grupos, definidos pela estratégia de vinculação predominante ao nível re-

presentativo, com o teste de Shapiro-Wilk ( $p > 0.05$  para todos os grupos) realizou-se uma ANOVA one-way para averiguar sobre possíveis diferenças inter-grupos em termos de Q.I. verbal e de idade, não tendo sido encontradas quaisquer diferenças significativas (respectivamente,  $F(2,65) = 1.97$ ;  $p = 1.47$  e  $F(2,65) = .74$ ,  $p = .48$ ).

Para testar a hipótese de independência entre o tipo de estratégias de vinculação predominantemente utilizadas e o género dos sujeitos recorreu-se ao teste do Qui-quadrado de Pearson depois de validados os seus pressupostos de aplicação e seguindo os passos sugeridos por Maroco (2007). De

acordo com o teste do Qui-quadrado de independência o tipo de estratégia de vinculação predominantemente utilizado ao nível representativo (i.e., segura, evitante, ambivalente) é independente do género dos sujeitos ( $X^2(2) = 1.3$ ;  $p = .58$ ,  $n = 68$ ).

#### Análise Comparativa de Sistemas

Foram encontradas correlações positivas, na sua grande maioria com intensidade semelhantemente moderada ( $r$  variou entre .28 e .39), entre as pontuações de segurança atribuídas com os dois sistemas (ver Quadro 4), padrão de resultados que se manteve inalterado quando foram realizadas correlações parciais, controlando a variável género.

**Quadro 4. Correlações entre as pontuações atribuídas com a Escala de Segurança e as pontuações atribuídas com o Sistema de Cotação e de Classificação de Dusseldorf**

		SISTEMA DUSSELDORF					
		SE	JM	MQ	PA	RE	Segurança
ESCALA DE SEGURANÇA	SE	.	.11	.08	.14	.08	.23*
	JM	.39**	.16	.33**	.20*	.14	.26*
	MQ	.31**	.27**	.31**	.14	.16 <sup>o</sup>	.35**
	PA	.21*	.18 <sup>o</sup>	.11	.28*	.28**	.31**
	RE	.99	.04	.07	.21*	.31**	.21*
	Segurança	.27*	.22*	.18 <sup>o</sup>	.19 <sup>o</sup>	.23*	.32**
~ * $p < 0.05$ , ** $p < 0.01$ SE (sumo entornado), JM (joelho magoado), MQ (monstro no quarto), PA (partida), RE (reencontro)							

Realizou-se uma ANOVA one-way para averiguar possíveis diferenças inter-grupos, definidos pela estratégia de vinculação predominante ao nível representativo (avaliada com o Sistema Dusseldorf) em termos dos valores médios atribuídos com a Escala de Segurança. Depois de verificado o pressuposto da homocedasticidade com o Teste de Levene ( $W(2,65) = .41$ ;  $p = .67$ ). A normalidade das distribuições foi verificada para os dois grupos com estratégias de vinculação inseguras (ambivalente  $SW(18) = .96$ ;  $p = .48$  e evitante  $SW(18) = .96$ ;  $p = .59$ ). No grupo de sujeitos com estratégias de vinculação seguras o pressuposto da normalidade não foi verificado ( $SWp(32) < .001$ ). No entanto, os valores de assimetria e de achatamento para este grupo ( $Sk = -1.82$ ;  $Ku = 4.55$ ) não revelaram problemas de assimetria graves que justificassem a utilização de medidas correctivas para a violação do pressuposto da normalidade. A dimensão do efeito foi avaliado pelo  $\eta^2p$  e as diferenças entre grupos foram avaliadas com o teste Fisher LSD para  $\alpha = .05$ . Como hipotetizado, observou-se um efeito estatisticamente significativo do tipo de estratégia de vinculação no valor da Segurança ( $F(2,65) = 6.87$ ,  $p = .002$ ;  $\eta^2p = .17$ ;  $\pi = .89$ ). O efeito observado apresenta uma dimensão média e a potência de teste superou o .8 desejável.

Como inicialmente hipotetizado, os sujeitos identificados pelo Método Dusseldorf como tendo representações de vinculação seguras apresentaram, também, valores mais elevados na Escala de Segurança ( $M = 5.91$ ;  $DP = .19$ ,  $n = 32$ ). Seguem-se os sujeitos identificados pelo Método Dusseldorf como tendo representações de vinculação inseguras ambivalentes ( $M = 5.27$ ,  $DP = .19$ ,  $n = 19$ ) e finalmente os identificados como tendo representações de vinculação inseguras evitantes ( $M = 4.81$ ;  $DP = .28$ ,  $n = 17$ ). De acordo com o teste post-hoc LSD de Fisher, as diferenças estatisticamente significativas, em termos dos valores da Escala de Segurança, ocorrem apenas entre os sujeitos identificados como sendo seguros pelo método Dusseldorf e os sujeitos identificados como sendo inseguros pelo mesmo método, tanto evitantes (I.C. a 95% ] .49; 1.72[,  $p = .001$ ) como ambivalentes (I.C. a 95% ] .05; 1.24[,  $p = .034$ ).

## DISCUSSÃO

O presente trabalho teve como propósito fundamental comparar, de um ponto de vista empírico, dois sistemas de cotação provenientes de abordagens distintas: a Escala de Segurança e o Sistema de Cotação e Classificação de Dusseldorf. O mesmo conjunto de entrevistas ASCT, realizadas numa amostra normativa de crianças em idade pré-

escolar, foi avaliado por investigadores independentes, tendo por base os dois sistemas. Concomitantemente, foram também aplicados os testes verbais da WPPSI-R.

Corroborando a validade discriminativa dos dois sistemas de cotação face a aspectos sócio-demográficos e do domínio do desenvolvimento linguístico, nenhuma associação foi encontrada entre as pontuações de Segurança estimadas por estes e a idade, Q.I. verbal e características familiares de âmbito sócio-demográfico das crianças da amostra.

No que respeita à variável género, e em conformidade com o que tem vindo a ser reportado noutros estudos que utilizam metodologias de análise de tipo contínuo-dimensional (i.e., Laible, Carlo, Torquati, & Ontai, 2004; Pierrehumbert et al., 2009; Verschueren, Marcoen, & Schoefs, 1996; Wong et al., in press), quando as entrevistas foram avaliadas com base na Escala de Segurança as raparigas receberam valores de Segurança significativamente mais altos, não tendo sido encontradas quaisquer diferenças entre o grupo dos rapazes e o grupo das raparigas em termos de idade e de Q.I. verbal. No entanto, é de realçar que a pontuação média do grupo de raparigas se inscreve também no domínio da segurança (> cinco na escala 1-8). Já o sistema de Dusseldorf não permitiu assinalar qualquer diferença de género, nem em

termos do valor médio da segurança, nem em termos das distribuições pelas estratégias de vinculação predominantes, o que vai ao encontro do reportado previamente pelos seus autores. Com efeito, comparando crianças provenientes de famílias bi-parentais e mono-parentais, Glogger-Tippelt e König (2007) identificaram maior preponderância de índices de insegurança e de desorganização nas narrativas dos rapazes que apenas viviam com um dos progenitores, não tendo, contudo, nenhum efeito equivalente sido detectado no grupo de crianças que vivia com ambos, característica maioritariamente presente na amostra do nosso estudo.

De modo a percebermos melhor alguns aspectos inerentes à cotação dos dois sistemas que, para além das evidentes diferenças ao nível da amplitude de cotação de ambos (i.e., 1-8 versus 0-4), pensamos terem contribuído para que as associações positivas encontradas, se bem que significativas, sejam apenas moderadas e também para a diferente susceptibilidade evidenciada por ambos à questão do género, comparemos agora, a título de exemplo, dois excertos relativos à história do Joelho Magoado. Na instrução desta história os elementos da família estão a passear num parque, onde há uma rocha alta. Ao tentar subir à rocha, a figura protagonista cai para o chão e grita “ai, o meu joelho, o meu joelho” solicitando, em seguida, o entrevistador à

criança que dê continuidade à história (“Mostra-me e conta-me o que aconteceu a seguir”).

Exemplo 1: Rapaz de 4 anos

“C: .....

E: Então, o que é que achas que acontece agora?

C: A mãe aproxima-se. (Criança responde sem tocar em nenhuma das figuras)

E: E o que é que acontece depois?

C: Depois põe betadine e um penso. E acaba a história.

Exemplo 2: Rapariga de 4 anos

“C: A mãe e o pai aproximam-se e pegam na filha ao colo. Dizem: “já passou, já passou, pronto, vamos curar da tua ferida. Da próxima vez tens que subir com mais cuidado, que esta rocha é muito alta!””.

E: E o que é que acontece a seguir?

C: A mãe põe água no joelho, dá um beijinho e põe um penso. A filha pára de chorar e pede à mãe para tentar subir à rocha outra vez. Sobem todos, o pai e a mana também e desta vez ninguém cai. A filha está muito contente... (criança sorri abertamente e põe as figuras da família de mãos dadas a subir a rocha) O joelho já não dói e ela conseguiu subir alto, alto com a ajuda dos pais.“

E: Acontece mais alguma coisa?

C: Depois fazem um grande picnic e jogam à apanhada e mais tarde vão para casa”.

Nestes dois exemplos, ambas as crianças incluíram nas suas respostas a provisão à criança, por parte dos cuidadores, de cuidados imediatos relativamente ao joelho aleijado. Sendo este um dos critérios (alternativo ao de provisão de conforto por palavras ou acções) que o Sistema de Cotação e de Classificação de Dusseldorf assume como necessário para a atribuição do nível máximo de segurança nesta história, e face à ausência de quaisquer outros critérios hipotetizados como sendo possivelmente indicativos de insegurança (e.g., zanga parental, linguagem inapropriada, evento incoerente inapropriado, alargamento da história...), ambos os exemplos receberam, nos níveis 0-4, o valor mais elevado.

Por sua vez, quando foram avaliados através da Escala de Segurança, atendendo a parâmetros mais latos (i.e., complexidade da resolução dada ao problema principal, coerência, fluência do discurso, conhecimento emocional evidenciado, positividade da descrição das figuras parentais, etc), o primeiro exemplo recebeu uma pontuação que, embora continuando a situar-se no domínio da segurança, é claramente mais baixa que a recebida pelo segundo (5 contra 7.66 na escala 1-8).

Uma questão que necessariamente se coloca é até que ponto, poderemos considerar que os pressupostos em que a Escala de Segurança se baseia possam ser mais permeáveis a aspectos

decorrentes da variabilidade inter-individual em termos de características discursivas que, contudo, não deverão ser consideradas no estudo da segurança das representações de vinculação. Por outro lado, não podemos também rejeitar à partida a possibilidade de que, por comparação com o Sistema de Dusseldorf, este seja capaz de discriminar diferenças que, embora de natureza mais subtil, são inequivocamente importantes ao nível da segurança das representações de vinculação.

Por outro lado, reaviva-se também a pertinência de uma abordagem da vinculação enquanto constructo organizacional (ver Sroufe & Waters, 1977), segundo a

qual uma leitura discreta de comportamentos deve ser abandonada a favor de uma compreensão mais abrangente dos padrões comportamentais (no caso concreto de metodologias deste género verbais e não verbais) e da função que estes podem ter no contexto imediato.

Do exposto, pensamos ficar clara a necessidade de serem realizados mais estudos que, continuando a controlar aspectos linguísticos e avaliando, de forma simultânea, especificidades de conteúdo, coerência narrativa e aspectos do processo narrativo, clarifiquem a efectiva importância das diferenças encontradas para o ajustamento social e emocional dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Oxford England: Lawrence Erlbaum.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss: Vol. 2. Separation, anxiety, and anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Vol. I. Attachment* (2d Rev. Ed.) New York: Basic Books (Original work published, 1969). *Journal*, 11(3), 237-252.
- Bretherton, I. & Oppenheim, D. (2003). The MacArthur Story Stem Battery: development, administration, reliability, validity, and reflections about meaning. In R. N. Emde, D. P. Wolf, & D. Oppenheim (Eds.), *Revealing the inner worlds of young children: The MacArthur Story Stem Battery and parent child narratives* (pp. 55-89). New York: Oxford University Press.
- Bretherton, I. (1990). Communication Patterns, Internal Working Models, and the Intergenerational Transmission of Attachment Relationships. *Infant Mental Health Journal*, 11(3), 237-252.
- Bretherton, I. (1995). Commentary: A communication perspective on attachment relationships and internal working models. In E. Waters, B. E. Vaughn, G. Po-

- sada, & K. Kondo-Ikemura (Eds.), Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research. *Monographs of Society for Research in Child Development*, 60, Serial No. 244 (2-3), 310-329.
- Bretherton, I. (2005). In Pursuit of the Internal Working Model Construct and Its Relevance to Attachment Relationships. In Klaus E. Grossmann, Karin Grossmann, Everett Waters, Klaus E. (Ed.). *Attachment from infancy to adulthood: The major longitudinal studies* (pp. 13-47). New York, NY US: Guilford Publications.
- Bretherton, I., & Ridgeway, D. (1990). Story completion tasks to assess young children's internal working model of child and parent in the attachment relationship. In Greenberg, M., T., Cicchetti D., Cummings, E., M., *Attachment in the preschool years. Theory, research and intervention* (pp.300-305), Chicago: The University of Chicago Press.
- Bretherton, I., Ridgeway, D., & Cassidy, J. (1990). Assessing internal working models of the attachment relationship: An attachment story completion task for 3-year-olds. In M. Greenberg, D. Cicchetti, & Cummings, E. M. (Eds.), *Attachment during the preschool years: Theory, research, and intervention* (pp. 273-308). Chicago, IL US: University of Chicago Press.
- Cassidy, J. (1988). Child mother attachment and the self in six-year olds. *Child Development*, 59, 121-134.
- Cummings, E. M. (2003). Toward assessing attachment on an emotional security continuum: Comment on Fraley and Spieker (2003). *Developmental Psychology*, 39, 405-408.
- Ferreira, B., Maia, J., Pinto, A., Santos, A.J., & Fernandes, C. (2010). Qualidade dos modelos internos de vinculação e a expressividade emocional em crianças de idade pré-escolar. Comunicação oral apresentada no *VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, Braga, Portugal.
- Fraley, R., & Spieker, S. J. (2003a). Are infant attachment patterns continuously or categorically distributed? A taxometric analysis of strange situation behavior. *Developmental Psychology*, 39(3), 387-404. doi:10.1037/0012-1649.39.3.387.
- Fraley, R., & Spieker, S. J. (2003b). What are the differences between dimensional and categorical models of individual differences in attachment? Reply to Cassidy (2003), Cummings (2003), Sroufe (2003), and Waters and Beauchaine (2003). *Developmental Psychology*, 39(3), 423-429. doi:10.1037/0012-1649.39.3.423.
- Gloger-Tippelt, G., Gomille, B., Koenig, L., & Vetter, J. (2002). Attachment representations in 6-year-olds: Related longitudinally to the quality of attachment in

- infancy and mothers' attachment representations. *Attachment & Human Development*, 4(3), 318-339.
- Gloger-Tippelt, G., & König, L. (2007). Attachment representations in 6-year-old children from one and two parent families in Germany. *School Psychology International*, 28(3), 313-330. doi:10.1177/0143034307078540.
- Heller, C. (2000). *Attachment and social competence in preschool children*. Master's thesis. Unpublished. Manuscript, Auburn University, AL.
- Laible, D., Carlo, G., Torquati, J., & Ontai, L. (2004). Children's Perceptions of Family Relationships as Assessed in a Doll Story Completion Task: Links to Parenting, Social Competence, and Externalizing Behavior. *Social Development*, 13(4), 551-569.
- Dominguez, J, Aragón, S., Lahunes, I (2009) Desarrollo de una escala de estilos de apego adulto para la población Mexicana: Construction of a Mexican adult's attachment styles scale. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*. 28 (2), 9-30
- Maia, J., Veríssimo, M., Ferreira, B., Silva, F., Fernandes, M. (2009). Adaptação portuguesa do Attachment Story Completion Task – manual de aplicação e co-taço: Dimensão Contínua de Segurança. Manuscrito não publicado. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood. A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.) *Growing points in attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50 (pp. 66-104).
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS*. (3ª edição). Lisboa: Edições Sílabo.
- Marvin, R. S., & Britner, P. A. (2008). Normative development: The ontogeny of attachment. In J. Cassidy, & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory: Research and clinical applications* (2nd ed., pp. 269-294). New York, NY: The Guilford Press.
- Miljkovitch, R., Pierrehumbert, B., Bretherton, I., & Halfon, O. (2004). Associations between parental and child attachment representations. *Attachment & Human Development*, 6(3), 305-325. doi:10.1080/14616730412331281557.
- Miljkovitch, R., Pierrehumbert, B., Karmaniola, A., & Halfon, O. (2003). Les représentations d'attachement du jeune enfant. Développement d'un système de codage pour les histoires à compléter. *Devenir*, 15(2), 143-177. doi:10.3917/dev.032.0143.
- Oppenheim, D. (1997). The Attachment Doll-play Interview for Preschoolers. *International Journal of Behavioral Development*, 20(4), 681-697.



- doi:10.1080/016502597385126.
- Oppenheim, D., & Waters, H. S. (1995). Narrative processes and attachment representations: Issues of development and assessment. In E. Waters, B. E. Vaughn, G. Posada, & K. Kondo-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research. Monographs of Society for Research in Child Development*, 60, 197-215.
- Page, T. & Bretherton, I. (2001). Mother- and father-child attachment themes in the story completions of pre-schoolers from post-divorce families: do they predict relationships with peers and teachers? *Attachment and Human Development*, 3, 1-29.
- Page, T. & Bretherton, I. (2003a). Gender Differences in Stories of Violence and Caring by Preschool Children in Post-Divorce Families: Implications for Social Competence. *Child & Adolescent Social Work Journal*, 20(6), 485-508.
- Page, T. & Bretherton, I. (2003b). Representations of Attachment to Father in the Narratives of Preschool Girls in Post-Divorce Families: Implications for Family Relationships and Social Development. *Child & Adolescent Social Work Journal*, 20(2), 99-122.
- Pierrehumbert, B., Santelices, M., Ibáñez, M., Alberdi, M., Ongari, B., Roskam, I., et al. (2009). Gender and attachment representations in the preschool years: Comparisons between five countries. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 40(4), 543-566. doi:10.1177/0022022109335181.
- Poehlmann, J. (2005). Representations of Attachment Relationships in Children of Incarcerated Mothers. *Child Development*, 76(3), 679-696. doi:10.1111/j.1467-8624.2005.00871.x.
- Seabra-Santos, M. J., Simões, M. R., Albuquerque, C. P., Pereira, M. M., Almeida, L. S., Ferreira, C., Lança, C. & Lopes, A. F. (2003). Escala de Inteligência de Wechsler para a Idade Pré-Escolar e Primária – Forma Revista (W.P.P.S.I.-R.). In M. M. Gonçalves, M. R. Simões, L. S. Almeida & C. Machado (Coords.), *Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população portuguesa* (Vol. I, pp.197-219). Coimbra: Quarteto.
- Silva, F., Fernandes, M., Veríssimo, M Shin, N., Vaughn, B. E., & Bost, K. K. (2008). A concordância entre o comportamento de base segura com a mãe nos primeiros anos de vida e os modelos internos dinâmicos no pré-escolar. *Análise Psicológica*, 3 (XXVI), 411-422.
- Solomon, J. & George, C. (2008). The measurement of attachment security and related constructs in infancy and early childhood. In J. Cassidy & P. R. Sha-

- ver (Eds.), *Handbook of attachment theory. Research and clinical applications* (2nd Edition) (pp. 383-416). New York: The Guilford Press.
- Sroufe, L. A. (2003). Attachment categories as reflections of multiple dimensions: Comment on Fraley and Spieker (2003). *Developmental Psychology*, 39, 413-416.
- Sroufe, L., & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child Development*, 48(4), 1184-1199. doi:10.1111/1467-8624.ep10398712.
- Thompson, R. A. (2008). *Attachment-related mental representations: Introduction to the special issue. Attachment & Human Development*, 10(4), 347-358. doi:10.1080/14616730802461334.
- Trapolini, T., Ungerer, J., & McMahon, C. (2007). Maternal depression and children's attachment representations during the preschool years. *British Journal of Developmental Psychology*, 25(2), 247-261.
- Verschueren, K., Marcoen, A., & Schoefs, V. (1996). The internal working model of the self, attachment, and competence in five-year-olds. *Child Development*, 67(5), 2493-2511.
- Waters, E., & Beauchaine, T. P. (2003). Are there really patterns of attachment? Comment on Fraley and Spieker (2003). *Developmental Psychology*, 39, 417-422.
- Waters, E. & Deane, K. (1985). Defining and assessing individual differences in attachment relationships: Q-methodology and the organization of behaviour in infancy and early childhood. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research*, Monographs of the Society for Research in the Child Development, 50 (1-2), 41-65.
- Waters, H. S., Rodrigues, L. M., & Ridgeway, D. (1998). Cognitive underpinnings of narrative attachment assessment. *Journal of Experimental Child Psychology*, 71, 211-234.
- Waters, H., & Waters, E. (2006). The attachment working models concept: Among other things, we build script-like representations of secure base experiences. *Attachment & Human Development*, 8(3), 185-197. doi:10.1080/14616730600856016.
- Wechsler, D., (1989). *WPPSI-R - Wechsler Preschool and Primary Scale of Intelligence - Revised*. San Antonio: The Psychological Corporation.
- Wong, M., Bost, K.K., Shin, N., Veríssimo, M., Maia, J., Monteiro, L., Silva, F., Coppola, G., Costantini, A., Vaughn, B., (2011). Understanding Children's Mental Representations of Attachment: The Role of Children's Secure Base Behaviors and Maternal Attachment Scripts. *Attachment and Human Development*. 13 (5) pp 489-502. DOI: 10.1080/14616734.2011.602256